

ESTUDO DA EXPECTATIVA SOB O VIÉS DA METÁFORA E DA SEMÂNTICA LEXICAL COGNITIVA

Daniel Félix da Costa Júnior

Orientadora: Solange Coelho Vereza

Doutorando

RESUMO: A pesquisa sobre metáfora tem alcançado nos últimos anos uma dualidade que se reflete em metáforas consideradas corpóreas e metáforas que não são estruturadas corporalmente. O conceito de tempo e o conceito de emoção são fenômenos que se avaliam fortemente dentro da concepção corpórea das metáforas primárias deduzidas por Grady (1997). Embora distintos, tempo e emoção encontram convergência no estado mental/emocional da “expectativa”, sendo esse um aspecto da cognição e da emoção que se vincula ao conceito de tempo pelo caráter não factual da possibilidade futura. Esta pesquisa tem o objetivo de descrever o *frame* de expectativa em língua portuguesa e observar quais características desse *frame* absorvem as problemáticas dos estudos da metáfora, como o caso da universalidade das metáforas primárias. A abordagem possui a base quantitativa de *corpora* eletrônicos (DAVIES; FERREIRA, 2006-, 2016-) e uma análise qualitativa advinda dos contextos ampliados fornecidos pelos *corpora*. A fase inicial envolve delimitação do campo lexical em duas sincronias mediante os “colocados” de cada *token* pesquisado, a fim de se verificar possíveis mudanças influenciadas por metáforas culturais. A fase seguinte envolve identificação de unidades lexicais metafóricas nas linhas de concordância e nos contextos ampliados de cada colocado. Os resultados provisórios parecem corroborar com duas hipóteses levantadas neste estudo: a) há alguma metáfora cultural influenciando a reaproximação do conceito de expectativa com o campo semântico das emoções; e b) a expectativa parece ser um aspecto da compreensão do tempo que une elementos do Mapeamento Mediado (SINHA et al. 2016) e elementos corpóreos da espacialidade do tempo (LAKOFF; JOHNSON, 1999).

PALAVRAS-CHAVE: metáfora, semântica cognitiva, expectativa.

Introdução

Falar do futuro é ter expectativa, da mesma forma que ter expectativa é pensar no futuro. Expectativa e futuro são predicados de uma relação bicondicional, o que

significa que ambas se implicam mutuamente como a equação mencionada em Searle (2002, p. 44): há expectativa *p* se e somente se houver uma crença em futuro *p*. Mas falar sobre a expectativa é saber que toda uma gama de recursos corporais e linguísticos são acionados a formar cognitivamente um determinado conteúdo. Dessarte, a pesquisa se pergunta a qual tema pretende investigar? A estruturação do conceito de expectativa. E sob qual crivo? O da Linguística Cognitiva.

Os estudos linguísticos que associam língua e cognição possuem uma tradição iniciada pela escola gerativista de Chomsky, mas é com os cognitivistas de segunda geração (como George Lakoff, Ronald Langacker, Gilles Fauconnier e Leonard Talmy) que a Linguística Cognitiva (doravante LC) foi formalizada como uma vertente sociocognitiva da linguagem. É seguindo essa linha teórica que esta pesquisa investigará suas hipóteses, para tal, centra-se em estudos sobre metáforas e conceitos, e em estudos lexicais e semânticos que enfatizam a experiência de consciência.

Uma das teorias mais emblemáticas da LC é a Teoria da Metáfora Conceptual elaborada por Lakoff e Johnson (1980). Linha teórica que elevou o status da metáfora, antes considerada figura de linguagem, para uma figura de pensamento. O estudo conceptual também propiciou o desenvolvimento da gramática cognitiva de Langacker (1987), ao abordar as motivações conceptuais de fenômenos gramaticais. Nessa mesma década, Kövecses versou suas primeiras pesquisas sobre metáfora conceptual e emoções que culminaram, posteriormente, em obras mais substanciais como *Emotion Concepts* (1990) e *Metaphor and Emotion* (2000).

Sobre a emoção

Kövecses (2000, 2008) estuda a estrutura conceptual das emoções por acreditar que a linguagem sobre emoções não deva permanecer restrita aos campos da psicologia e de outras ciências da mente, apenas pelo fato de o tema das emoções ser considerado subjetivo. Ao analisar a estrutura conceptual de uma emoção, o linguista divide metodologicamente essa estrutura em metáforas conceptuais, metonímias conceptuais e em conceitos relacionados, todos contribuindo entre si para a formulação de modelos prototípicos de uma emoção qualquer.

A descrição de emoções é formada, em grande parte, por metáforas primárias. Isso se deve ao fato de o fenômeno emocional estar intrinsecamente ligado ao corpo. A

proximidade da LC com as motivações corpóreas surge em Johnson (1987) e em Lakoff (1987), mas apenas na década de 1990, com pesquisas como a teoria da metáfora primária (GRADY, 1997), a teoria da confluência (JOHNSON, 1999), entre outras, que a LC e outras ciências cognitivas passaram a investigar a hipótese do realismo corpóreo (LAKOFF; JOHNSON, 1999). Na LC a hipótese se refletiu principalmente em esquemas imagéticos (LAKOFF, 1987) e em metáforas primárias (GRADY, 1997; LAKOFF; JOHNSON, 1999) como, por exemplo: AFETO É CALOR (ex: “eles me cumprimentaram *calorosamente*”), FELIZ É PARA CIMA (ex: “hoje estou me sentindo nas *alturas*”).

No entanto, nem tudo que se relaciona às emoções está no nível conceptual. Johnson (2007, p. 218), ao trabalhar com o significado do corpo, admitiu que algumas de suas abordagens não estavam no nível “conceptual”, pelo menos não no sentido tradicional do termo. E se estamos trabalhando com uma consciência que oscila entre estar ciente e não ciente de sua percepção do mundo, então podemos minimamente tocar a fenomenologia. Mas aproximação com a fenomenologia não é uma mera referência aleatória. Além de estudiosos da metáfora, como Johnson (1987, 2007) e Kövecses (2008), fazerem menções a uma fenomenologia “informal”, há uma série de cognitivistas que tenta trabalhar com a fenomenologia de uma maneira mais “formal” e comprometida: Shaun Gallagher, Hubert Dreyfus, Francisco Varela, Jordan Zlatev.

A emoção possui uma associação bastante intrincada com o domínio do movimento, tanto que desperta questionamentos se seria uma relação metonímica ou metafórica. Os métodos empíricos da neurociência usados por Gallagher (2005) demonstraram que bebês recém-nascidos não respondem a imagens estáticas, mas ao movimento, às expressões e ações: “as crianças recém-nascidas não atendem a aparência externa do outro, mas na verdade atendem à *ação* e à *expressão* do outro”¹ (p. 82-3, grifos no original).

As percepções emocionais formam uma dimensão não consciente a que Johnson (2007, p. 9; 31) denomina “significado imanente”; uma dimensão em que o corpo, o cérebro e o ambiente criam um vasto entorno significativo que, de uma forma mínima, converge com o conceito merleau-pontyano de *campo de presença*: “a percepção me dá um ‘campo de presença’ no sentido amplo, que se estende segundo duas dimensões: a dimensão aqui-ali e a dimensão passado-presente-futuro” (MERLEAU-PONTY, 1999

¹ *The newborn infant does not attend to the outward appearance of the other, but rather attends to the action and expression of the other.*

[1945], p. 357). Essa discussão filosófica converge, similarmente, com as verificações da neurociência de Changizi et al. (2008), em que o cérebro antecipa o futuro para o sistema perceptual da visão (ou elabora um presente alternativo) criando mais de cinquenta tipos de ilusões para compensar o *delay* neural, uma hipótese conhecida como “*perceiving the present*”.

O conceito de expectativa seria formado tanto pela percepção sensorial corpórea quanto pelas atividades discursivas de expressá-lo, de entendê-lo, ou até, de pretendê-lo em um ato perlocutório emotivo. Essa concepção está centrada não apenas na virada discursiva dos estudos da Linguística Cognitiva, mas também no “interacionismo consciência-linguagem” defendido por Zlatev, Blomberg, Magnusson (2012) e no conceito merleau-pontyano (1999 [1945], p. 247) de indissociabilidade entre fala e pensamento: “[...] eles estão envolvidos um no outro, o sentido está enraizado na fala, e a fala é a existência exterior do sentido”. Essas vertentes convergem na defesa de que cognição e linguagem são uma via de mão dupla em que uma é formada pela outra, ou que, uma influencia e é influenciada pela outra.

Isso nos leva a entender que formas mais estáveis de significação são movidas por uma expectativa correspondente a um conhecimento, e que formas menos estáveis tendem a não satisfazer uma determinada expectativa de conhecimento, ou, no mínimo, a satisfação não se aplica porque um determinado conhecimento ainda está em processo de assimilação cognitiva. Dessa forma, qualquer compreensão de expectativa, prospecção, futuro, anseio, depende de assimilação cognitiva já construída pelo corpo perante os objetos e os fatos em seu campo de presença.

Sobre o tempo

Ao longo de três décadas, a LC se empenha na investigação de articulações sociometais enquanto fortalece a hipótese de seus elementos teóricos, como *frames*, metáforas conceptuais e conexões entre espaços mentais. O conceito de tempo não passaria incólume por essas investigações. As relações entre os domínios cognitivos do espaço e do movimento ressoam como as mais comuns da abordagem: metáforas do “tempo movente”, do “observador movente” e da “orientação temporal”, presentes em Lakoff e Johnson (1999); além da metáfora do “tempo como espaço” e de sua aparente tridimensionalidade, presentes em Radden (2003). O conceito de tempo é uma

experiência fenomenologicamente real nas diversas culturas do mundo, embora, segundo Lewandowska-Tomaszczyk (2016, p. xix), não seja conceptualizado de maneira universal pelos mesmos *frames*.

Isoladamente, a questão do tempo não é objeto de estudo aqui, mas a vinculação de um determinado fator mental/emocional a aspectos do tempo. Retoma-se o papel basilar da emoção na cognição humana, conforme atesta Johnson (2007, p. 9), e tenta dar-lhe substância equivalente aos demais elementos teóricos da cognição. Considerando que o futuro é um aspecto do tempo com compromisso passional mais evidente, voltamos a ele porque a linguagem utilizada não remete a objetos ou eventos factuais que se possam comprovar estabelecidos. Ainda assim, o critério de futuro a que nos referimos não se orienta pelas expressões gramaticais de futuridade, mas apenas a peculiaridade de sentimentos expressos voltados a objetos não factuais de possibilidade futura.

Quanto a isso, retomamos a fórmula de Searle (2002, p. 44) sobre a expectativa que se traduz em “Exp (p) \leftrightarrow Cren (Fut p)” e acrescentamos a temática que se complementa com a constatação de Cagliari (2015, p. 125) “A expectativa tem a ver com o processamento mental [...] e apesar de sua notável presença na linguagem, ainda é um campo pouco explorado na semântica.” Tenta-se entender aqui a presentificação da expectativa na linguagem, no léxico e nos demais recursos linguísticos a ela vinculados. Mediante o axioma da simetria da lógica modal ($A \rightarrow \Box\Diamond A$) e alguns exercícios de derivação da fórmula da expectativa supracitada, chega-se ao argumento que deve ser mantido como influência implícita nos dados desta pesquisa, a saber, a necessidade de que seja possível um objeto futuro qualquer:

$$X(p) \rightarrow \Box\Diamond\text{Fut } p$$

Essa necessidade da possibilidade futura, demonstrada na última fórmula, parece entrar em consonância com o conceito de *subjetificação* adotado por alguns linguistas cognitivos. Traugott (1989, p. 34-35) define três tendências para significados que se tornam mais subjetivos: a primeira, surge de significados baseados em situações externas para significados baseados em situações descritas internas (sentimentos); a segunda, de significados baseados em situações internas ou externas para significados baseados em situação textual e metalinguística; a terceira, os significados tendem a se

tornar cada vez mais baseados na crença subjetiva do falante em direção à proposição. Essa terceira tendência é fortemente aplicável a contextos de expectativa, já que um de seus exemplos prototípicos é a gramaticização do verbo *go* indicando futuro imediato. Sendo essas tendências, portanto, uma subjetividade relativa ao domínio em que a situação reside (conteúdo conceptual).

Diferentemente de Traugott, Langacker (1987, 2006) utiliza o termo subjetividade de maneira relativa ao *ponto de vantagem* (relativo ao *construal*), desse modo, não faz sentido falar sobre em que medida uma expressão é mais (ou menos) subjetiva, já que em sua visão “Um dado significado sempre abrange elementos construídos objetivamente e subjetivamente”² (LANGACKER, 2006, p. 18). Uso de “subjetivo” e “objetivo” em Langacker é uma alusão ao sujeito e ao objeto da concepção, sendo uma questão de assimetria entre o conceptualizador e o conceptualizado. Sob esse ponto,

A assimetria é máxima quando o sujeito da concepção carece de sua total autoconsciência, ao ser totalmente absorvido no apreender da situação *onstage* [explícita], e o objeto da concepção é saliente, bem delimitado e apreendido com grande acuidade.³ (LANGACKER, 2006, p. 18)

Como se fosse possível, do ponto vista fenomenológico, “apreender” um objeto qualquer sem o protagonismo da “autoconsciência” subjetiva do conceptualizador. Mesmo assim, é possível inferir que Langacker deva estar-se referindo à experiência empírica quando utiliza termos imprecisos, para os contextos aplicados, como “autoconsciência” e “construído objetivamente/subjetivamente”. Sua distinção entre modais epistêmicos e verbos principais (Figura 1) é, todavia, bastante frutífera e pode encontrar consonância com a pesquisa sobre a expectativa.

² *A given meaning always comprises both subjectively and objectively construed elements.*

³ *The asymmetry is maximal when the subject of conception lacks all self-awareness, being totally absorbed in apprehending the onstage situation, and the object of conception is salient, well-delimited, and apprehended with great acuity.*

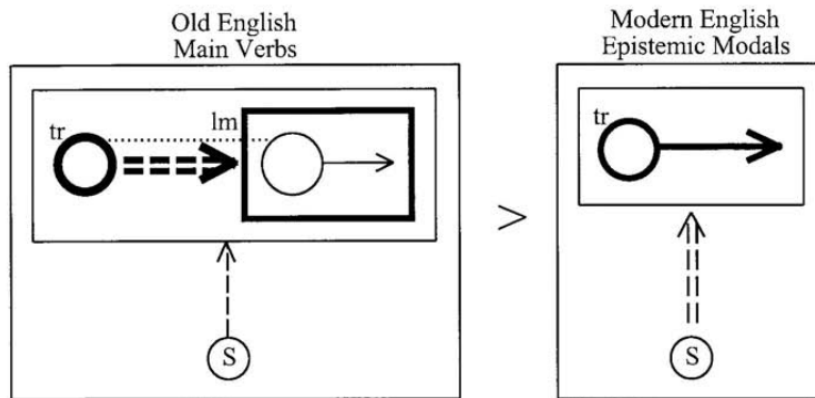


Fig. 1 – Assimetria de objetividade entre verbos principais e modais epistêmicos (LANGACKER, 2006, p. 19)

A figura 1, fundamentada em *trajector* (tr) e ponto de referência (*landmark* – lm), representa que os modais tornam a conceptualização um pouco mais objetiva, pois trazem o que estava no pano de fundo (*background*) para o *onstage*, deixando o falante mais comprometido objetivamente. De forma análoga, a expressão “expectativa de” como regente de oração principal, tende a ser mais objetiva que a oração com a forma verbal “esperar”. As setas duplas indicam força latente, e são tracejadas porque a sua realidade é apenas potencial, à esquerda fazendo parte do escopo imediato (região *onstage*), à direita fazendo parte da apreensão/construal pelo sujeito (S).

Sobre essa realidade potencial, Langacker (1991) desenvolve o seu “*momentum evolutionary*” (impulso evolucionário) querendo referir-se à tendência que a realidade possui de ter evoluído até o estado presente e continuar evoluindo sobre certo trajeto em lugar de outro. Chama-se “evolucionário” devido a sua evolução através do tempo em direção ao futuro, ou seja, “[...] cada instanciação da realidade presente dá origem à próxima e assim se torna parte do passado”⁴ (LANGACKER, 1991, p. 276). Na Figura 2, a realidade é representada por um cilindro que se expande ao longo do eixo temporal, o conceptualizador (C) é localizado no tempo de fala. A Figura 2 possui uma seta dupla tracejada representando o impulso evolucionário da realidade que cria a realidade potencial. Esse modelo reflete-se útil em estudos de modais, por exemplo, uma desinência de futuro do presente “-rá” revela um impulso evolucionário forte, representado na realidade projetada por haver maior convicção. Enquanto que o modal “pode” indica um impulso fraco que é representado no espaço da realidade potencial.

⁴ [...] as each instantiation of present reality gives rise to the next and thus becomes part of the past.

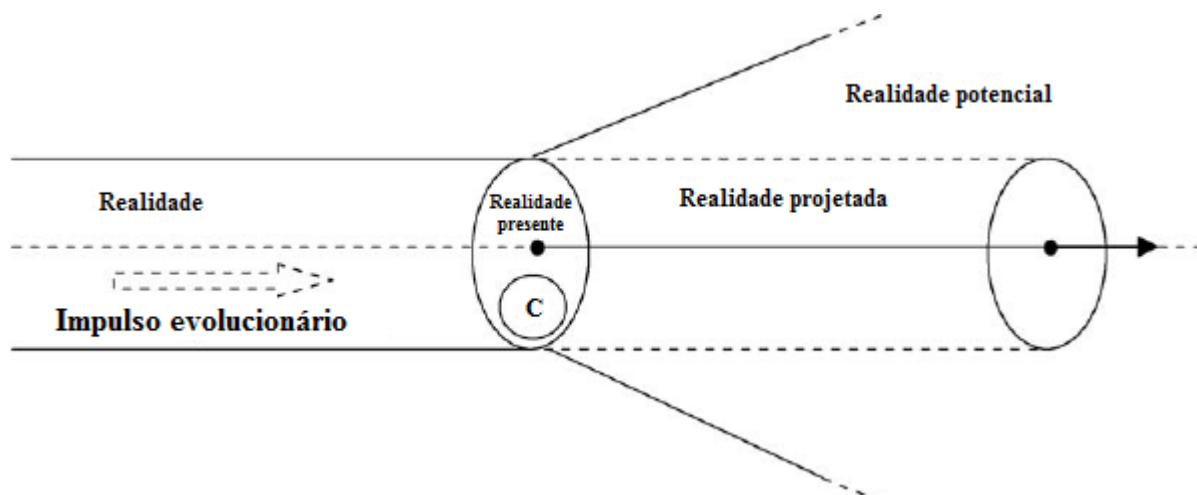


Fig. 2 – Modelo evolucionário dinâmico. Traduzido de Langacker (1991, p. 277)

Para o autor, algumas sequências de eventos são dispostas a ocorrer “[...] sempre que circunstâncias apropriadas surgem, e continuarão a ocorrer a menos que certa quantidade de energia seja empregada para neutralizar essa tendência; elas representam o ‘curso normal dos eventos’”⁵ (LANGACKER, 1991, p. 276) – raciocínio de convergência com a ideia de expectativa.

O estudo da conceptualização do tempo nas diversas culturas possui o paradigma do tempo entendido em termos de espaço, mas há várias nuances dentro das pesquisas que investigam esse paradigma. Há aqueles que, como Grady (1997), suspeitam da universalidade das metáforas primárias e corpóreas. Há aqueles que investigam culturas em que o conceito de tempo como espaço parece ausente, como Sinha et al. (2011, 2016). E há aqueles que acreditam na inseparabilidade do tempo/espaço, que qualquer tentativa de caracterizar modos particulares em termos de espaço ou em termos de tempo é altamente enganosa (HÄGERSTRAND et al. apud CARLSTEIN, 1982), e que descrever um espaço em particular ocupando uma zona de tempo particular é fenomenologicamente “mais do mesmo” (ELLEN, 2016). Pois quando as pessoas experimentam o tempo, fazem de forma tão multissensorial que as dimensões se intercalam entre si (Figura 3).

⁵ *Some are inherently disposed to occur whenever appropriate circumstances arise, and will do so unless energy is somehow exerted to counteract this tendency; these represent the “normal course of events”.*

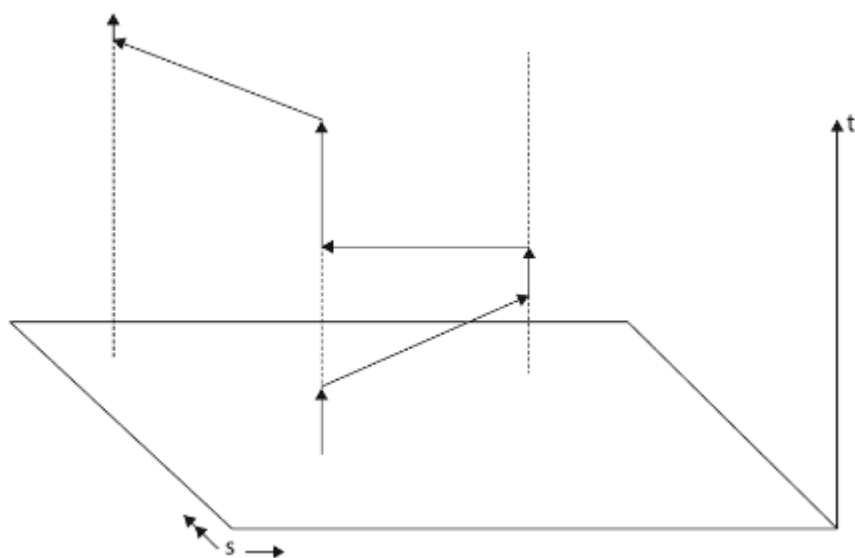


Fig. 3 – Diagrama de Hägerstrand das trajetórias tempo-espaço (apud CARLSTEIN, 1982, p. 138)

Existe, no estudo do tempo, uma conhecida oposição entre a concepção linear e a concepção cíclica. Para Leach (1961, p. 124), o tempo cíclico é fundamentalmente diferente do tempo linear, havendo um contraste entre o tempo linear e os festejos que separam o tempo sacro do profano. A ciclicidade implica “um processo contínuo que nos toma de um ponto A e nos devolve ao ponto A em um ciclo”⁶ (ELLEN, 2016, p.142), o tempo linear às vezes é chamado de “duração” (*Ibid.*). A pesquisa de Silva Sinha et al. (2012) diz não existir evidência de ciclicidade nesse sentido quando se descreve a língua amondawa, o que causa estranheza já que em Sinha et al. (2016, p. 167) os autores descrevem o esquema de estações do amondawa em uma sequência “*Amana-Kauripe-Amana*” (tempo-da-chuva / tempo-do-sol / tempo-da-chuva) – efeito que Ellen (2016) caracteriza como processo de oscilação ou alternância: $A > B > A > B$, sendo um processo utilizado em descrições de tempo não linear como, por exemplo, o ciclo.

Considerações atuais

O presente texto apresentou uma etapa episódica da pesquisa que se pretende culminar na defesa da tese. Espera-se que, com essa base teórica e com outras que se têm acrescido ao longo do caminho, esta pesquisa seja capaz de responder a suas

⁶ *Cyclicity presumably implies a continuous process that take us from point A back to point A in a cycle.*

perguntas motivadoras e esboce resultados dentro da razoabilidade de seu campo teórico. Para tal, projeta-se uma abordagem baseada nos *corpora* eletrônicos de Davies e Ferreira (2006-, 2016-), que possui em si uma exposição quantitativa de dados, e outra abordagem qualitativa aprofundada nos contextos ampliados fornecidos pelos *corpora*.

As etapas de análise de dados estão em fase desenvolvimento, sendo todas elas baseadas nos colocados para os termos “expectativa”, “esperar” e “esperança”, restringindo-se a ordem quantitativa dos colocados que vai do primeiro ao centésimo lugar na plataforma de dados. Inicialmente delimita-se o campo lexical em duas sincronias mediante a cronologia de cada *corpus* tomado como base da investigação; o objetivo dessa delimitação é verificar possíveis mudanças influenciadas por metáforas culturais. Em seguida, identificam-se unidades lexicais metafóricas nas linhas de concordância e nos contextos ampliados de cada colocado.

Os resultados provisórios parecem corroborar com as duas hipóteses que foram levantadas neste estudo, ei-las: a) há alguma metáfora cultural influenciando a reaproximação do conceito de expectativa com o campo semântico das emoções; e b) a expectativa parece ser um aspecto da compreensão do tempo que une elementos do Mapeamento Mediado (SINHA et al. 2016) e elementos corpóreos da espacialidade do tempo (LAKOFF; JOHNSON, 1999). Tais hipóteses são fortalecidas pelo movimento de declínio-e-ascensão dos colocados que estão sendo comparados nos dois *corpora* consultados.

REFERÊNCIAS

CAGLIARI, Luiz Carlos. *Aspectos cognitivos da ideia de expectativa*. In: *Anais do I Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição: I LINCOG*. GONÇALVES-SEGUNDO et. al. (Org.). São Paulo: FFLCH/USP, 2015, p. 125-133.

CARLSTEIN, Tommy. *Time resources, society and ecology: on the capacity for human interaction in space and time* (v. 1). London: Unwin Hyman, 1982.

CHANGIZI, Mark A.; HSIEH, Andrew; NIJHAWAN, Romi; KANAI, Ryota; SHIMOJO, Shinsuke. Perceiving the present and a systematization of illusions. *Cognitive Science* n. 32, p. 459-503, 2008.

DAVIES, Mark; FERREIRA, Michael. *Corpus do Português: 1 billion words, Web/Dialects*. Brigham Young University: Provo-UT, 2016-. Disponível em: <<http://www.corpusdoportugues.org>>, (acesso em maio 2017).

DAVIES, Mark; FERREIRA, Michael. *Corpus do Português: 45 million words, 1300s-1900s*. Brigham Young University: Provo-UT, 2006-. Disponível em: <<http://www.corpusdoportugues.org>>, (acesso em maio 2017).

ELLEN, Roy. The cultural cognition of time: some anthropological perspectives. In: LEWANDOWSKA-TOMASZCZYK, Barbara. *Conceptualizations of time*. Amsterdam /Philadelphia: John Benjamins, 2016. p. 125-149.

GALLAGHER, Shaun. *How the body shapes the mind*. New York: Oxford University Press, 2005.

GRADY, Joseph E. *Foundations of meaning: primary metaphors and primary scenes*. 1997. 299f. Dissertation (Ph.D. in Linguistics) – University of California, Berkeley, 1997.

JOHNSON, Christopher. Metaphor vs. Conflation in acquisition of polysemy: the case of see. In: HIRAGA, Masako K.; SINHA, Chris; WILCOX, Sherman. (Eds.) *Cultural, psychological and typological issues in cognitive linguistics: selected papers of the bi-annual ICLA meeting in Albuquerque, July 1995*. Amsterdam: John Benjamins, 1999. p. 155-170.

JOHNSON, Mark. *The meaning of the body: aesthetics of human understanding*. Chicago: The University Chicago Press, 2007.

JOHNSON, Mark. *The body in the mind*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

KÖVECSES, Zoltán. The conceptual structure of happiness. *COLLeGIUM: Studies across disciplines in the humanities and social sciences*. Helsinki. v.3, p. 131-143, 2008.

KÖVECSES, Zoltán. *Metaphor and emotion*. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

KÖVECSES, Zoltán. *Emotion concepts*. Berlin / New York: Springer Verlag, 1990.

LAKOFF, George. *Women, fire and dangerous things*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Philosophy in the flesh: the embodied mind and its challenge to western thought*. New York: Basic Books, 1999.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metaphors we live by*. Chicago: University of Chicago Press, 1980.

LANGACKER, Ronald W. Subjectification, grammaticization, and conceptual archetypes. In: ATHANASIADOU, Angeliki; CANAKIS, Costas; CORNILLIE, Bert. *Subjectification: various paths to subjectivity*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2006. p. 17-40.

LANGACKER, Ronald W. *Foundations of cognitive grammar: Volume II, Descriptive application*. Stanford, CA: Stanford University Press, 1991.

LANGACKER, Ronald W. *Foundations of cognitive grammar: Volume I, Theoretical prerequisites*. Stanford, CA: Stanford University Press, 1987.

LEACH, Edmund. R. *Rethinking Anthropology*. London: Athlone Press, 1961.

LEWANDOWSKA-TOMASZCZYK, Barbara. Introducing conceptualizations of time. In: LEWANDOWSKA-TOMASZCZYK, B. *Conceptualizations of time*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins, 2016. p. ix-xxi.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da Percepção*. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. (Publicado originalmente em francês em 1945).

RADDEN, Günter. The Metaphor TIME AS SPACE across languages. In: BAUMGARTEN, Nicole; BÖTTGER, Claudia; MOTZ, Marcus; PROBST, Julia (Eds). *Überstezen, Interkulturelle Kommunikation, Spracherwerb und Sprach-vermittlung – das Leben MIT mehreren Sprachen. Festschrift für Juliane House zum 60. Geburtstag. Zeitschrift für Interkulturellen Fremdsprachunterricht*, 8 (2/3). p. 1-14, 2003.

SEARLE, John R. *Intencionalidade*. Trad. Julio Fischer, Tomás Rosa Bueno. 2ª ed., São Paulo: Martins Fontes, 2002.

SILVA SINHA, Vera da; SINHA, Chris; SAMPAIO, Wany; ZINKEN, Jörg. Event-based time intervals in an Amazonian culture. In: FILIPOVIC, Luna; JASZCZOLT, Katarzyna M. *Space and time in languages and cultures: language, culture and cognition*. Amsterdam: John Benjamins, 2012. p. 15-35.

SINHA, Chris; SINHA, Vera da Silva; ZINKEN, Jörg; SAMPAIO, Wany. When time is not space: the social and linguistic construction of time intervals and temporal event relations. In: LEWANDOWSKA-TOMASZCZYK, Barbara. *Conceptualizations of time*. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins, 2016. p. 151-186.

SINHA, Chris; SINHA, Vera da Silva; ZINKEN, Jörg; SAMPAIO, Wany. When time is not space: the social and linguistic construction of time intervals and temporal event relations. *Language and Cognition*. Cambridge, v. 3, n. 1, p. 137-169, mar. 2011.

TRAUGOTT, Elizabeth. On the rise of epistemic meanings in English: an example of subjectification in semantic change. *Language*. Washington, DC, v. 65, n. 1, p. 31-55, mar. 1989.

ZLATEV, Jordan; BLOMBERG, Johan; MAGNUSSON, Ulf. Metaphor and subjective experience: a study of motion-emotion metaphors in English, Swedish, Bulgarian and Thai. In: FOOLEN, Ad; LÜDTKE, Ulrike M.; RACINE, Timothy P.; ZLATEV, Jordan. (Eds.) *Moving Ourselves, Moving Others: motion and emotion in intersubjectivity, consciousness and language*. p. 423-450. Amsterdam: John Benjamins, 2012.

CRÉDITO DAS IMAGENS

Figura 1: Langacker (2006, p. 19),

Figura 2: Langacker (1991, p. 277), adaptado com tradução nossa.

Figura 3: Hägerstrand (*apud* CARLSTEIN, 1982, p. 138)